Língua(gem) como Veículo do Pensamento

Hudson Marques da Silva[1], Thaysa Danyella Lira da Silva[2]

[1]Mestre em Literatura e Interculturalidade – UEPB e Professor do IFPE. e-mail: marqueshudson@hotmail.com
[2]Mestranda em Administração – UFPE e Administradora da UFPE. e-mail: tahud@hotmail.com

Resumo: Este trabalho oferece uma revisão teórica sobre alguns conceitos e diferenças entre *língua* e *linguagem* a partir de perspectivas linguísticas de Saussure (2006), Chomsky (1997; 1998), Pinker (2002), Sapir (2004) e Perini (2003), sociointeracionista de Vygotsky (2005) e filosófica de Wittgenstein (1991). Partindo desses conceitos, discutem-se as relações entre linguagem e pensamento, percebendo a língua como um modo próprio de interpretar a realidade. Nessa perspectiva, buscou-se pontuar como a relação entre linguagem, pensamento e contexto cultural pode interferir no processo de aquisição de uma língua. Concluiu-se que existe uma forte relação entre a linguagem e o desenvolvimento do pensamento, bem como cada língua descreve/interpreta a realidade de modos diferentes, logo, apropriar-se de uma determinada língua implica, antes de tudo, compreender o universo cultural de seus falantes.

Palavras–chave: Descrição da Realidade, Língua, Linguagem, Pensamento.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho originou-se da reflexão sobre algumas implicações que a relação entre língua(gem) e o desenvolvimento do pensamento pode trazer durante a aquisição de uma língua. Primeiramente, busca-se conceituar a diferença entre língua e linguagem do ponto de vista da linguística.

Em seguida, discute-se a interdependência entre língua(gem) e pensamento, levando em consideração alguns conceitos elaborados ao longo da história por autores tanto da linguística quanto da psicologia e da filosofia.

Em se tratando desse tema, não se poderia deixar de abordar as ideias dos etnolinguistas Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, cuja tese é que a linguagem determina o pensamento. Esse conceito ficou conhecido como Hipótese *Sapir-Whorf*.

Por fim, apresentam-se alguns exemplos de como cada língua pode recortar/descrever a mesma realidade de maneiras distintas, o que influencia consideravelmente a aquisição de uma língua, uma vez que o falante, além de aprender o seu funcionamento estrutural, terá de conceber novos modos de descrever o mundo.

2. CONCEITO DE LÍNGUA(GEM)

Antes de tratar das relações entre linguagem e pensamento, faz-se necessária uma breve explanação sobre o que vem a ser a linguagem, considerando importantes estudiosos da linguística. O termo *linguagem* tem sido aplicado, muitas vezes, de forma inapropriada, como, por exemplo, para designar as características peculiares das variedades linguísticas – sotaque, vocabulário específico, expressões locais, estruturas gramaticais etc. – de cada indivíduo, ou comunidade linguística. Há também os que nomeiam sistemas de comunicação artificiais (sistemas de notação), tais como os sinais de trânsito, por exemplo, como um tipo de *linguagem*.

No entanto, segundo os estudos linguísticos, a linguagem consiste na potencialidade, que é própria do ser humano, de adquirir línguas – a chamada faculdade da linguagem. Acredita-se que essa faculdade é inata, como consta em Saussure (2006, p. 17): "[...] o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza [...]". De acordo com esse pressuposto, a linguagem

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

tratar-se-ia de uma espécie de "órgão" pré-programado para a aquisição de uma ou mais línguas, sendo próprio dos humanos.

Portanto, a linguagem é pré-requisito para a aquisição de uma língua. Ao diferenciar língua de linguagem, Saussure (2006, p. 17) relata que a língua "[...] é somente uma parte determinada, essencial dela [da linguagem], indubitavelmente". Ou seja, enquanto a faculdade da linguagem representa uma espécie de "placa mãe" para a aprendizagem de línguas; estas, por sua vez, remetem a um sistema de comunicação adquirido socialmente, variando entre comunidades distintas.

No que diz respeito à premissa segundo a qual a linguagem é própria do ser humano, podem-se citar casos de experimentos realizados com animais. Embora já se saiba que os animais exerçam seus próprios meios de comunicação, os estudos linguísticos mostram que tais manifestações não se enquadram no caso da linguagem, pois não se verifica na comunicação entre os animais um sistema tão articulado, complexo e, sobretudo, simbólico quanto o dos humanos. Experimentos realizados por Koehler, Yerkes e outros mostraram que macacos antropoides, principalmente os chimpanzés, possuem um cérebro bem desenvolvido e um sistema de pensamento semelhante aos humanos, além de um aparelho fonético potencialmente capaz de reproduzir todos os sons necessários à fala. Todavia, esses animais não são capazes de falar, nem de utilizar uma língua em qualquer de suas modalidades.

Koehler (*apud* VYGOTSKY, 2005, p. 43) verificou que "[...] suas expressões fonéticas denotam apenas desejos e estados subjetivos; expressam afetos, mas nunca um sinal de algo 'objetivo'". Em outras palavras, os animais conseguem se comunicar entre eles, por meio de um sistema que lhes é dado pela natureza, mas que, comparado aos humanos, se trata de um sistema um tanto reduzido. De qualquer modo, esse debate continua inacabado.

No que tange ao conceito de linguagem, o linguista norte americano Noam Chomsky tem realizado diversas palestras, além de uma vasta literatura, acerca da chamada gramática universal; que viria a ser uma espécie de "norma" armazenada na faculdade da linguagem e que regeria o funcionamento de todas as línguas. Para esse linguista, "[...] todas as línguas são variações de um mesmo tema [...]" (CHOMSKY, 1998, p. 24). Ao verificar uma quantidade relevante de semelhanças entre a lógica gramatical das diversas línguas e, também, a facilidade com que as crianças aprendem o idioma, chegando a realizar, naturalmente, concordâncias entre frases e palavras, o autor defende a hipótese de uma gramática universal interna.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento da linguagem residiria em algo que ocorre muito naturalmente à criança, semelhante a qualquer outro órgão de seu corpo. Estudos mostram que, desde cedo, a criança já tem noções que não poderiam ter sido ensinadas, principalmente aspectos simbólicos da utilização da língua(gem). "[...] uma grande parte dessa estrutura semântica parece derivar de nossa natureza interior, determinada pelo estado inicial de nossa faculdade de linguagem, por isso não aprendida e universal para Línguas-I". (CHOMSKY, 2005, p. 77).

Conclusões como essas levaram Chomsky a acreditar na concepção conhecida como inatismo linguístico, que seria uma espécie de "pré-linguagem" que os humanos adquirem biologicamente. Essa seria a razão por que as crianças aprendem tão rápida e facilmente uma língua. A partir desse momento, discutir-se-á qual seria o lugar da língua(gem) no desenvolvimento do pensamento e se isso pode influenciar na aprendizagem de uma língua.

3. INTERDEPENDÊNCIA ENTRE LÍNGUA(GEM) E PENSAMENTO

Muito se tem discutido a respeito da relação entre linguagem e pensamento. O que vem primeiro, a fala ou o pensamento? É o pensamento elaborado pela palavra? Questões como essas têm surgindo frequentemente em palestras e pesquisas do campo linguístico.

Piaget (*apud* VYGOTSKY, 2005), em seu estudo sobre o desenvolvimento cognitivo das crianças, percebeu que as conversas das crianças estão, inicialmente, divididas em dois momentos: o egocêntrico e o socializado. Na fala egocêntrica, a criança conversa consigo mesma, sem uma preocupação em se comunicar com os outros; seria o 'pensar em voz baixa' dos adultos. Esse 'pensar em voz baixa' nos conduz, de certo modo, a relacionar uma dependência do pensamento pela linguagem, já que, neste caso, se pensa com palavras. Por outro lado, na fala socializada,

diferentemente, a criança tenta interagir com os outros, comunicar algo, seja fazer um pedido, seja reclamar, e assim por diante.

Piaget (*apud* VIGOTSKY, 2005, p. 61) grifa que "[...] inicialmente, o pensamento é não-verbal e a fala, não-intelectual". Ou seja, a criança emite sons para tentar expressar seus pensamentos. Mais tarde, ela descobre que cada objeto no mundo tem o seu nome e, a partir de então, suas palavras passam a derivar de uma abstração. Com isso, pode-se dizer que o pensamento antecede a fala.

De acordo com Chomsky (1998), é sabido, através de experimentos, que as crianças, quando ainda bem pequeninas, já retêm os conceitos de tempo e espaço, antes mesmo de poderem falar. Sendo assim, tais conceitos seriam uniformes para todas as culturas e comunidades linguísticas.

Essa ideia é corroborada por Piaget (*apud* VYGOTSKY, 2005), quando afirma que o homem primitivo, ou a criança, aprende com a experiência somente em casos especiais, num contato efêmero e parcial com a realidade. E esse contato não modifica em nada o fluxo geral de seu pensamento.

Muitos pesquisadores encaram tal visão como determinismo biológico. Outros radicalizaram o lado oposto: o aspecto cultural como determinante. Nesse segundo grupo, pode-se citar o caso dos etnolinguistas Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, sobre os quais será dedicada uma seção mais adiante.

Contudo, não se está creditando aqui que Piaget e Chomsky retiraram totalmente a influência do meio social sobre o desenvolvimento linguístico do indivíduo. O próprio Chomsky (1998, p. 61) relata que "Mesmo para ovelhas, não somente para os seres humanos, o contato entre a mãe ovelha e o cordeiro afeta a habilidade de perceber profundidade [...]". Neste caso, a influência do meio social à qual o autor direciona-se estaria mais centrada na aquisição da língua enquanto produto cultural. "[...] o meio social é o principal fator no desenvolvimento da fala [...]" (STERN *apud* VYGOTSKY, 2005, p. 39). Portanto, a faculdade da linguagem e o pensamento são processos naturais ao ser humano, enquanto a língua consiste em uma manifestação cultural adquirida.

Mas o que vem primeiro, a língua ou o pensamento? A essa questão Chomsky (1998, p. 63) responde:

> Se estamos considerando uma pessoa que está ouvindo alguém falando, a palavra vem antes do sentido [...] as coisas vão para o seu sistema auditivo [...] atingem seu sistema cognitivo [...] por último, você compreende algo [...] Se pensarmos no falante [...] Não sabemos se o significado vem primeiro e então produzo a sentença, ou se começo a falar e então me dou conta do que estou falando e então continuo a sentença.

É difícil responder a essa pergunta, uma vez que a língua é um sistema de dados armazenados e, em um sistema dessa natureza, nada vem primeiro. Os cientistas puderam introduzir elétrodos no cérebro de animais que possuíam órgãos semelhantes aos humanos e aprenderam muito sobre eles, todavia, não se sabe de outros organismos que possuam a faculdade da linguagem para que se possa experimentar, já que tais experiências não são permitidas com seres humanos. Desse modo, torna-se oportuno encerrar esta seção com o comentário de Vygotsky (2005, p. 156): "[...] a relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa mas um processo, um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra, e vice-versa".

4. A HIPÓTESE SAPIR-WHORF

No que diz respeito à relação entre pensamento e língua(gem) discutida nas seções anteriores, o etnolinguista Edward Sapir acreditava que a linguagem molda o pensamento, chegando a escrever: ""The writer, for one, is strongly of the opinion that the feeling entertained by so many that they can think, or even reason, without language is an illusion". (SAPIR, 2004, p. 11).

A partir do conceito de Sapir, não é possível se pensar sem a linguagem. Isso implica dizer que a linguagem tanto precede como guia o pensamento, opinião esta com a qual concordava o filósofo Wittgenstein, ao relatar: "[...] a própria linguagem é o veículo do pensamento."

(WITTGENSTEIN, 1991, p. 111). Wittgenstein foi considerado um dos filósofos mais importantes do século XX. A maioria do seu trabalho foi publicada postumamente. Esse filósofo austríaco estava muito interessado, dentre outros temas, na linguagem e seus limites, os quais foram discutidos no seu *Tratado Lógico-filosófico*. Ele acreditava que parte dos equívocos que ocorriam na filosofia devia-se ao uso inadequado da linguagem. Desse modo, assim como Sapir, Wittgenstein acreditava que a linguagem seria uma espécie de guia para o pensamento.

A partir desse princípio, Sapir inspirou seu discípulo Benjamin Lee Whorf, que realizou pesquisas significativas para a história da linguística; dentre as quais, destaca-se a dos índios Hopi. Whorf apontou que na língua Hopi não existiam os tempos verbais – presente, passado e futuro, o que o levou a crer que aquela tribo não tinha noção de tempo devido à ausência de componentes na língua.

O resultado dessa pesquisa foi fundamental para a origem da chamada Hipótese *Sapir-Whorf*, que possui uma versão mais radical – o determinismo linguístico: a linguagem determina o pensamento – e uma mais moderada – a relatividade linguística: a linguagem influencia o pensamento devido a sua arbitrariedade.

Steven Pinker foi um dos principais opositores a essa hipótese. De acordo com Pinker (*apud* SZCZESNIAK, 2005, p. 64), "[...] há em todos nós emoções que não têm nomes em muitas línguas". Ou seja, o pensamento ocorre sem a linguagem, mesmo que não se tenham palavras para exprimi-lo.

Como exemplo disso, cite-se o caso geralmente difundido de que a língua portuguesa é a única que possui a palavra "saudade". Mesmo se isso fosse verdadeiro, seria difícil acreditar que apenas os falantes dessa língua tivessem tal sentimento. Além do mais, "Todos tivemos a experiência de enunciar ou escrever uma frase, parar e perceber que não era exatamente o que queríamos dizer. Para que haja esse sentimento, é preciso haver um 'o que queríamos dizer' diferente do que dissemos." (PINKER, 2002, p. 62). De acordo com essa ideia, pode-se dizer que existe *o que pensamos*, que é diferente do que *queremos dizer*, que é diferente do que *dizemos de fato*. Em seguida, os ouvintes entendem algo diferente daquilo que pretendíamos dizer. Isso ocorre porque, além de poderem ser diferentemente interpretadas, as palavras não dão conta nem dos pensamentos nem da realidade.

Contudo, na tentativa de acabar de vez com a versão mais radical da hipótese de Whorf, constatando seu equívoco, em 1983, o linguista alemão Ekkehart Malotki elaborou uma enorme lista de expressões Hopi usadas para expressar tempo (SZCZESNIAK, 2005).

De qualquer modo, a versão mais moderada da hipótese permanece pertinente na contemporaneidade. Como exemplo disso, Peter Gordon escreveu um artigo intitulado *Numerical cognition without words: evidence from Amazonia*, que foi fruto de uma pesquisa realizada com a tribo indígena Pirahã, da Amazônia. Gordon e sua equipe perceberam que, na língua dessa tribo, havia apenas três expressões para indicar quantidades: hói (um), hoí (dois) e baagi ou aibai (mais que dois). Em experimento, constatou-se que os Pirahã não percebiam diferença entre 8 e 10 gravetos (GORDON, 2004), o que veio a reforçar a hipótese Sapir-Whorf.

Por fim, deve-se lembrar do caso das pessoas surdas. Se fosse verdade que a linguagem formula o pensamento, então, teria de se afirmar que os surdos de nascença aos quais nunca foi ensinada uma língua não pensam. Entretanto, sabe-se que isso não é pertinente. Mesmo sem uma língua, os surdos de nascença, mesmo os que não adquiriram uma língua, têm a efetiva habilidade de pensar igualmente a qualquer outra pessoa. Além da comunicação por gestos (língua de sinais), muitos adquirem uma língua, aprendendo a ler, escrever, falar e fazer a leitura labial.

Sendo assim, não existe ainda conclusão sobre até que ponto linguagem e pensamento são interdependentes, mas se sabe que o pensamento existe mesmo que não seja por meio da linguagem.

5. LÍNGUA E RECORTE DA REALIDADE

Na seção anterior, discutiu-se o papel da linguagem na formulação do pensamento. Independentemente de a língua(gem) moldar ou não o pensamento, esta seção defenderá que "[...] duas línguas recortam diferentemente a realidade." (PERINI, 2004, p. 43). Isso não implica supor que falantes de diferentes línguas percebam a realidade de modo incompatível, como queriam Sapir e Whorf, porém, a forma como cada língua interpreta o mundo é distinta.

Comparando a língua inglesa ao português, podem-se listar algumas dessas diferenças. Perini (2004) exemplifica que na língua portuguesa alguns limões são verdes e outros são amarelos, porém, todos são limões. Já na língua inglesa, o limão verde é chamado de *lime* e o limão amarelo de *lemon*, isto é, trata-se de duas frutas diferentes. Isso não quer dizer que os falantes do português não percebam a diferença entre limões verdes e amarelos, entretanto, sua língua teve a própria maneira de interpretar a mesma realidade.

Outro exemplo dado pelo autor é que na língua portuguesa existem os dedos das mãos e os dedos dos pés. Todos são dedos. Na língua inglesa, por sua vez, os dedos das mãos são chamados de *fingers* e os dedos dos pés de *toes*. As palavras os descrevem como se fossem membros diferentes. Ainda, em português, descrevemos árvore, madeira e bosque em três palavras, enquanto o inglês apresenta apenas duas: *tree* (árvore) e *wood* (bosque e madeira).

O verbo *know* em inglês pode significar "saber" ou "conhecer" de acordo com as informações contidas no decorrer da frase ou a partir do contexto. Em frases como (1) *I know him*. e (2) *I know that he is here*. traduzidas em português por (1) Eu o conheço. e (2) Eu sei que ele está aqui. (PERINI, 2003), nota-se que uma palavra pode ter diferentes significados de acordo com cada língua. Assim, aprender uma língua estrangeira é muito mais que transferir palavras, mas adquirir uma nova maneira de descrever a realidade.

Pode-se citar ainda o caso em que no português existem dois tipos de tempos verbais passados: o passado perfeito, como em *Ele trabalhou em um banco*, e o passado imperfeito, como em *Ele trabalhava em um banco*. Em inglês, ambas as frases seriam traduzidas por *He worked in a bank*, isto é, os tempos passado perfeito e passado imperfeito do português são apresentados com apenas uma forma em inglês – *the simple past tense*.

Não se pretende aqui, com esses exemplos, afirmar que o determinismo linguístico ou a relatividade linguística de *Sapir-Whorf* sejam legítimos, mas sugerir que cada língua descreve e interpreta a realidade, ou o pensamento, de maneiras diferentes. Desse modo, aprender outro idioma não se trata apenas de substituir palavras de uma língua para a outra, mas, sobretudo, aprender a enxergar o mundo de outro modo.

6. CONCLUSÕES

Este trabalho apresentou um diálogo sobre as relações entre linguagem, pensamento e suas implicações para a aquisição de uma língua. Considerou-se a linguagem como uma espécie de órgão que reside no cérebro humano e que é pré-programado para a aquisição de línguas, portanto, inato. Já a língua, por sua vez, consiste em um sistema de signos adquirido socialmente de acordo com a cultura de cada comunidade linguística.

No que se refere à impossibilidade de se pensar sem a linguagem, ressaltaram-se alguns equívocos previstos na Hipótese *Sapir-Whorf*, principalmente o de que os índios Hopi não usavam componentes linguísticos referentes à noção de tempo em sua língua. Além do mais, não seria pertinente afirmar que os surdos de nascença que não aprenderam uma língua não pensam.

Contudo, nota-se que a descrição da realidade é variável de uma língua para a outra, o que não implica dizer que cada falante de uma língua diferente perceba o mundo de uma maneira incompatível, mas que ao aprender um determinado idioma, o falante deve estar aberto para compreender novos meios de decodificar o mundo.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e pensamento**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

_____. **Linguagem e mente**: pensamentos atuais sobre antigos problemas. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

GORDON, Peter. **Numerical cognition without words**: evidence from Amazonia. Science. New York, v. 306, n. 5695, p. 496-499, October 2004.

PERINI, Mário A. **Sofrendo a gramática**: ensaios sobre a linguagem. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola, 2004.

PINKER, Steven. **O instinto da linguagem**: como a mente cria a linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SAPIR, Edward. **Language**: an introduction to the study of speech. New York: Dober Publications, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SZCZESNIAK, Konrad. **O retorno da hipótese de Sapir-Whorf**. Ciência Hoje. Rio de Janeiro, v. 36, n. 214, p. 63-65, abr. 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.